

Interfaces reflexivas entre o filme *Parasita* e o regime de acumulação integral

Bruna Fernanda Kleine*
Leonel Luiz dos Santos**

“Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.”
(Manoel de Barros, 1996)

Pelas lentes de uma Coreia do Sul menos conhecida e divulgada, a obra inicialmente é ambientada no subúrbio da cidade Seul, capital e grande metrópole desse país, onde a família Ki-Taek, composta pelo motorista desempregado Kim Ki-taek, sua esposa Choong-sook, sua filha Ki-jeong e seu filho Ki-woo, dividem um apartamento semi subterrâneo. Juntos realizam diariamente uma série de trabalhos subalternos e precarizados como forma de sobrevivência. As expressões cansadas e marcadas, a precariedade dos seus bens de consumo, o espaço habitacional limitado para uma família de grande porte, assim como a refeição embasada em pão seco e água, ilustram a posição social da família logo de imediato.

A conexão entre a família lumpemproletária Ki-Taek e a família burguesa Park se dá a partir da visita de um amigo universitário de Ki-woo, o qual os surpreende após um dia exaustivo de trabalho para os presentear com uma Gongshi (pedra ornamental), que afirma trazer riqueza material para a família. Min ainda propõe que Ki-woo assuma suas atividades como professor particular de inglês de Da-Hye, a filha mais velha da família Park, em sua luxuosa residência, enquanto este estará realizando um intercâmbio estudantil. Os contrastes já são evidentes nesse primeiro contato entre as famílias, onde ao realizar a primeira visita para conhecer e iniciar as aulas com Da-Hye, Ki-woo expressa surpresa com a magnitude da casa e a fartura da mesa.

O som, a música, a imagem, bem como o plano e o enquadramento, nada mais são do que processos utilizados que ganham sentido no universo ficcional do filme, na mensagem por ele constituída. Nesse sentido é importante ressaltar os enquadramentos que evidenciam a disparidade das famílias, apresentada nos bens de consumo e na qualidade de vida de ambos, uma vez que a ideia central colocada pela produção do filme é ilustrar as diferenças existentes entre as classes sociais, assim como instigar o questionamento dos

* Bruna Fernanda Kleine, psicóloga e gestalt terapeuta em formação pela Comunidade Gestáltica.

** Graduando em história e publicou um artigo na coletânea "crítica marxista ao leninismo" pela editora CRV.

parasitismos nessas relações. Afinal, toda obra de arte, toda ficção, não é um ser fechado e isolado em si mesmo. São produtos sociais, produzidos por seres sociais em determinados contextos históricos (VIANA, 2012).

A partir das questões acima apontadas, esse artigo tem a intenção de acender o debate sobre os parasitismos gerados pela divisão de classes no capitalismo, mais especificamente na era da acumulação integral, posto que o capitalismo, desde o seu surgimento, vem passando por fases históricas de desenvolvimento da acumulação de capital, as quais são elaboradas por Viana (2009) como regimes de acumulação. Dessa forma é inegável que o capitalismo em nas suas mais variadas formas é o responsável pela forma que a dinâmica social se desenvolve, nos trazendo para a realidade apresentada na trama em questão, que é desenvolvida dentro do cenário do regime de acumulação integral.

Roteiro

Os procedimentos metodológicos para a análise de um filme, assim dizendo, de seu universo ficcional, pressupõe alguns elementos que são: a) a totalidade do universo ficcional, ou seja, é preciso ver o filme como um todo; b) as mensagens transmitidas pelo filme, tanto a mensagem central como as mensagens complementares. (VIANA, 2012). Para tanto, organizamos o artigo em 5 etapas: 1) reunimo-nos em um espaço reservado para assistir ao filmes sem interrupções; 2) em outra data, assistimos ao filme congelando-o nas cenas emblemáticas, transcrevendo falas ações, atitudes e gestos dos(as) personagens; 3) fizemos a análise de todo material transcrito conforme nosso referencial teórico e o objetivo do estudo; 4) nos inteiramos das especificidades regionais onde o universo ficcional é representado e 5) tecemos comentários e fizemos a reflexão final do filme.

Contexto histórico: O Regime de Acumulação Integral

Para compreendermos o regime de acumulação integral e como este impacta nas esferas das relações de produção e distribuição, o que provoca também mudanças culturais, é necessário compreender que o regime de acumulação é um determinado estágio do desenvolvimento capitalista, marcado por determinada forma de organização do trabalho (processo de valorização), determinada forma estatal e determinada forma de exploração internacional. O processo de valorização sob uma determinada forma de organização do

trabalho expressa uma correlação de forças entre burguesia e proletariado em certo momento histórico. (VIANA, 2009 apud VIANA, 2003).

O regime de acumulação integral é gestado aproximadamente no final dos anos 1970 e implementado nos países do bloco imperialista nos anos 1980, como resposta do capital à crise no regime de acumulação conjugado e nas falhas de resolver tal crise ainda no interior deste mesmo regime de acumulação. Ele é caracterizado pela nova configuração do processo de valorização, com o fordismo sendo substituído pelo toyotismo (SILVA, 2021). Dessa forma, nas relações internacionais se institui o neoimperialismo que cumpre o papel de generalizar a busca de acumulação integral em todo o mundo e reproduzir o processo de exploração intensificado nas relações internacionais, aumentando a transferência de mais-valor dos países subordinados para os países imperialistas, visando assim, combater a queda da taxa de lucro.

O Estado Neoliberal surge com Margareth Thatcher na Inglaterra em 1979, Ronald Reagan nos EUA em 1980, e Helmut Kohl na Alemanha em 1982. Este modelo nasce para atender às novas necessidades de reprodução do capitalismo, uma vez que com a queda da taxa de lucro médio, se fez necessário aumentar a extração de mais-valor, o que poderia acontecer aumentando a exploração nacional e internacional. O Neoliberalismo em si, não é a expressão de determinadas concepções e dogmas da ideologia liberal, mas sim uma necessidade do novo regime de acumulação. Os eixos fundamentais são a desregulamentação, o subsídio ao capital oligopolista, a diminuição dos gastos estatais e a intensificação da política repressiva. Pilares estes que se manifestam de forma diferente a depender do caso concreto (VIANA, 2009).

Segundo Viana (2009) o neoliberalismo traz consigo terríveis consequências para a sociedade, sendo as mais perceptíveis o aumento da pobreza e da desigualdade. Mesmo nos países mais ricos há um aumento da pobreza, da miséria, da fome, do desemprego e diminuição do poder aquisitivo de ampla parcela da população. Isto tem efeito sobre o mercado consumidor, sendo que a faixa mais pobre acaba tendo sua capacidade de consumo reduzida. A desregulamentação do mercado permite o aumento da exploração (corrosão dos direitos trabalhistas) e perda de poder aquisitivo e de pressão por parte dos trabalhadores, deixando as empresas mais livres para utilizar trabalho infantil e outras estratégias que geram mais desemprego e elevam o grau de exploração. Ao lado disso, o corte nos gastos estatais ocorre principalmente na diminuição das políticas sociais, diminuindo as políticas de

assistência social estruturais, ou seja, os investimentos de base em educação, saúde, etc., e gerando novas políticas sociais paliativas, que apenas amenizam superficialmente os graves problemas sociais existentes.

As relações de trabalho desenvolvidas no regime de acumulação integral são pautadas pelo toyotismo, o qual, é uma adaptação do método taylorista para a era contemporânea. O taylorismo é um processo de controle da força de trabalho realizado segundo uma forma “racionalizada”, ou seja, calculada, medida, normatizada, onde seu objetivo primeiro é o aumento da produtividade, isto é, da extração de mais-valor relativo. Dessa forma o toyotismo, para alguns, se diferencia por ser “flexível”, já que a produção está organizada para a demanda do mercado e não para a produção em massa, uma vez que, o que antes era uma produção estandardizada, agora se tornou personalizada. E o que ocorre é a inflexibilidade dos trabalhadores e do aparato produtivo submetidos ao objetivo inexorável de aumento da extração de mais-valor (VIANA, 2009). A flexibilidade dos direitos trabalhistas, disposição da força de trabalho conforme demanda, grupo mínimo de trabalhadores, horas-extras, trabalhadores temporários e subcontratados são as características do toyotismo. Este é o admirável mundo da flexibilização do trabalhador ao inflexível capital.

É neste contexto histórico que se passa o filme *Parasita*. As consequências produzidas pelo regime de acumulação integral estão presentes nos problemas econômicos e sociais da família Ki-Taek. Essa nova realidade histórica, que aprofunda as questões já intrínsecas do capitalismo, é mostrada através do drama e do humor da obra aqui analisada. A classe em farrapos, essa que é composta pelo exército industrial de reserva e surge com o capitalismo, é o lumpemproletariado, o qual, a partir das políticas neoliberais, do toyotismo e do neoimperialismo, tem um aumento substancial no mundo contemporâneo. Elemento este que se destaca na constituição da dinâmica familiar Ki-Taek e que será desenvolvido no próximo tópico.

O Lumpemproletariado no filme *Parasita*

O apartamento semi subterrâneo chamado de *banjiha*, o qual reside a família Ki-Taek, foi construído após 1970, quando o governo temeroso aos ataques bélicos, como na época da guerra fria, passou a exigir que edifícios residenciais com menos de quatro andares tivessem porões-abrigo para situações de emergência. Essa função original foi preservada

até os anos 1980, quando uma crise imobiliária levou a consolidar esses espaços como habitação (COSTA, 2020). Mesmo período este, que o regime de acumulação integral passa a ser gestado. As casas das duas famílias se mostram simbolicamente muito importantes na composição da narrativa, uma vez que a família Ki-Taek vive com pouco espaço para movimentação, pouca ventilação, não recebe luz solar e sua única janela fica na altura da rua onde transeuntes urinam, e a família Park dispõe de uma casa projetada por arquitetos, espaçosa, com jardins bem cuidados e amplas janelas (BESSA, 2020).

A arquitetura destas foi usada para revelar a discrepância entre os modos de vida das duas famílias, representando a moradia como expressão da luta de classes. A situação habitacional insalubre do núcleo familiar dos Ki-Taek, aliada ao fato de todos serem desempregados ou subempregados, ressalta o pertencimento da família ao lumpemproletariado. O capitalismo é um modo de produção que tem como fundamento a relação entre a classe burguesa, apropriadora de mais-valor e proprietária dos meios de produção, e a classe proletária, produtora de mais-valor e sem posse dos meios de produção. Porém, pela dinâmica da produção capitalista e sua lógica de acumulação, surge uma classe em farrapos, a margem da divisão social do trabalho, compondo o exército industrial de reserva.

Cabe ressaltar que o conceito de lumpemproletariado será tratado aqui como equivalente ao conceito marxista de “exército industrial de reserva”, ou seja, categoria social formada pelos indivíduos que, mesmo estando interessados em vender sua força de trabalho, se encontram alijados do mercado de trabalho e, conseqüentemente, do mercado de consumo. Esses formam os setores mais empobrecidos dos que oscilam entre o subemprego, os trabalhos irregulares (precário, temporário, informal) e o desemprego, dependendo do contexto social (BRAGA, 2010). Essa classe também é composta pelos sem-teto, mendigos e prostitutas, etc. Assim, tendo em vista a divisão social capitalista do trabalho, essas frações integram o lumpemproletariado uma vez que este pode ser unificado em torno de um elemento em comum a todas elas: a condição de marginalidade da divisão social do trabalho (BRAGA, 2013).

O lumpemproletariado aumenta com as medidas de desregulamentação e diminuição de assistência social do neoliberalismo, bem como a suposta “flexibilidade” do toyotismo, que viabiliza a destruição dos direitos trabalhistas, permitindo assim, a disposição da força de trabalho por demanda e sem vínculo empregatício. Esse cenário fica evidente quando o

filme retrata a família Ki-Taek montando caixas de pizza para *delivery*¹, onde Bessa (2020) pontua ser um ambiente não adequado, sem limites de horário, sem ajuda de custo, falta de direitos sociais e contrato de trabalho aos trabalhadores. A organização toyotista do trabalho alienado² por demanda e a falta de salário fixo possibilitam este tipo de precariedade do valor da força de trabalho.

No universo ficcional do filme a mudança na história ocorre quando a família Ki-Taek começa a trabalhar para a família Park. Porém, o início do trabalho ocorre através de uma falsificação de matrícula da faculdade de Ki-Wo, que faz isso para conseguir dar aulas de inglês para a filha da família Park por indicação de seu amigo. Percebendo o alto poder econômico da família Park, o filho e a família Ki-Taek começam gradualmente a tentar trabalhos para os demais, tudo vai ocorrendo de forma cômica. O pai consegue um trabalho de motorista, a mãe de doméstica, a filha de professora do filho mais novo da família Park. Na ausência da família de classe alta, a família Ki-Taek passa a utilizar a casa como moradia provisória, usufruindo dos bens de consumo e da casa de luxo. Isso acaba gerando situações problemáticas na trama do filme. Eles são parasitas por fazerem isso?

A família lumpemproletária usufrui do conforto e dos luxos da residência Park, como se fosse sua, quando a família proprietária se encontrava ausente do espaço. Na cena que retrata essa situação, os mesmos recebem a visita da antiga governanta, a qual acaba revelando que o seu marido vive escondido no porão da casa da família burguesa. Nesse momento as duas famílias lumpemproletárias se confrontam, em uma disputa marcada pelo desejo de ascensão social, pois apenas uma das famílias poderá manter seus cargos e seus segredos de subalternos, para assim, poderem desfrutar dos prazeres temporários dos bens da família Park. Esse confronto traz um novo ritmo para a trama, onde muita coisa passa a acontecer em um curto espaço de tempo e ainda reforça a premissa de que na vida lumpemproletária nada é permanente, pois tudo é a curto prazo e pode mudar de uma hora para outra. Uma vez que, em um momento os Ki-Taek estão se divertindo e se esbanjando com a fartura da comida da família Park e logo em seguida estão em uma disputa acirrada com a outra família lumpemproletária, em busca de manter a sua posição de trabalhadores.

¹ São caixas para entrega de pedidos de pizza. A palavra *delivery* é de origem do idioma inglês, que significa entrega, e que já foi incorporada em nosso idioma para definir esse tipo de prestação de serviço.

² Quando surge a divisão da sociedade em classes sociais que o trabalho deixa de ser uma autoatividade e passa a ser trabalho alienado, o qual se caracteriza pelo fato do trabalhador não possuir a direção do seu processo de trabalho e que neste processo ele é dirigido por outro. Para maior aprofundamento do tema recomenda-se a leitura do texto: Alienação como Relação Social, Nildo Viana (2012).

Esse embate aponta que quem está abaixo, na divisão de classes, precisa se esforçar mais para conseguir uma possibilidade de ascensão social.

Na trama a diferença entre as classes é retratada também através das cenas com as escadas, elemento este que se destaca em diferentes momentos da trama. A primeira cena do filme começa no nível térreo e vai diminuindo, mostrando o apartamento semi subterrâneo da família Ki-Taek. Há visão da rua, há esperança de ascensão social. Quando Ki-Wo vai pela primeira vez para a casa da família Park ele tem que subir escadas: primeiro as escadas da própria casa para entrar no nível térreo; depois uma rampa para acessar a casa da família burguesa, seguida de uma escada de acesso do portão para a casa em si, e ainda, mais um lance de escadas para chegar ao quarto da Da-hye, onde irá lecionar as aulas. Existe um abismo físico entre as famílias, representado pelas escadas. O mesmo ocorre quando a família lumpemproletária, em uma das cenas mais dramáticas, volta para sua casa durante a chuva, sempre no sentido de descida nas ruas, onde enfrentam uma longa escadaria, para só então chegarem na sua casa.

Assim como as escadas, o elemento da chuva é apresentado como uma diferença social entre as classes, pois na mesma noite em que a família Park está aproveitando o conforto de sua casa, com seu filho acampando no quintal, a família Ki-Taek sofre um alagamento em sua residência e são obrigados a abandoná-la, deixando para trás roupas e pertences para se instalarem em um abrigo provisório. A mesma chuva que torna a noite agradável para a família Park, chega na parte “inferior” da cidade, inundando a casa da família lumpemproletária. No dia seguinte ao ocorrido uma festa é organizada pela senhora Park, convocando os seus funcionários ao trabalho, enquanto estes estavam no abrigo com centenas de pessoas. Uma cena icônica, que ficou popular na internet, retrata essa discrepância, a qual a senhora Park está no banco de trás do carro e comenta ao telefone - “Hoje o céu está azul e sem poluição, a chuva de ontem foi uma benção.” Em primeiro plano, Ki-taek, que está trabalhando como motorista, faz uma expressão de raiva. O mesmo fenômeno natural sendo interpretado de formas diferentes, a partir de classes distintas.

O filme “Parasita” fala de capitalismo, de neoliberalismo, de acumulação de riqueza por poucos e pobreza para muitos. Trata ainda de como o poder e as relações de dominação e exploração criam mundos sociais diferentes, produzindo realidades diametralmente opostas. Dessa forma, uma luta tão dramática teve um desfecho com uma violência também extrema. A trama termina com as histórias narradas se cruzando, se confrontando e se

destruindo. Neste fim, a família Ki-Taek, depois de toda tragédia vivida, continua sonhando em ascender socialmente para salvar o pai que se encontra foragido. No entanto, eles estão de volta ao mesmo porão de onde não conseguiram sair. Paralelamente, a casa da família Park se encontra desocupada e a mesma se encontra em outra residência, demonstrando que a situação econômica da família burguesa permite, até com certa facilidade, uma mudança. Mudança que para as classes mais baixas, no caso retratado na trama, o lumpemproletariado, é difícil de realizar dentro da lógica capitalista (BESSA, 2020).

A tragédia anuncia o fim

Segundo o dicionário de língua portuguesa, parasita é um organismo que vive em outro organismo (hospedeiro), retirando seu alimento e geralmente causando-lhe dano. Trata-se de uma metáfora usada pelo filme, pois a relação entre a classe superior e a inferior traz referências diretas para essa analogia. Se para ter acesso a determinados bens de consumo a família Ki-Taek rouba wifi do vizinho, ou mente para conseguir trabalho, os mesmos podem ser considerados parasitas. Essa é uma interpretação possível de ser atribuída ao filme. Porém, ao mesmo tempo, a família burguesa precisa de motorista para se locomover, cozinheiros para se alimentarem, cuidadores para seus filhos, faxineiros para a sua sujeira, etc., necessitando assim, de uma classe subalterna para sobreviver. Partindo de uma análise marxista, podemos dizer que o lumpemproletariado é o resultado da lógica de acumulação capitalista. Se existe um parasita, este é a burguesia, que vive da extração de mais-valor do proletariado.

A importância do filme, para além do excelente roteiro e direção, se dá pela mensagem trazida. Em tempos de hegemonia subjetivista, onde o valorado são os grupos fragmentados, identidades, sexualidade, etnia, cultura, etc., o filme traz para a tela aquela que é o motor da história, uma velha conhecida, a luta de classes. Demonstra através do humor das cenas a sagacidade da família Ki-Taek, sua tentativa desesperada pela sobrevivência no regime de acumulação integral. Evidente que a luta da família é individual, egoísta e limitada. Por essa razão, temos o final trágico e o drama dos protagonistas. Não há uma organização e uma luta mais ampla e articulada com a sua classe, tal como os piqueteiros³ argentinos, que transformaram o desemprego em luta social. Mas o filme expõe

³ O movimento piqueteiro surgiu como resposta do lumpemproletariado argentino às medidas neoliberais implantadas no país no final dos anos 1980 e início de 1990. Em 1992, Carlos Menem no poder promove abertura comercial aos fluxos de capital externo, flexibilização no mercado de trabalho, reforma trabalhista,

a realidade cruel que o proletariado e o lumpemproletariado vivem em tempos de neoliberalismo, com falta de políticas assistenciais, direitos trabalhistas sucateados, e o toyotismo com sua lógica (in)flexível de exploração. O mérito do filme é trazer para o centro do debate a discussão das classes sociais. O sucesso mundial do filme explicita que o capitalismo criticado é mundial, da Ásia às Américas, existem parasitas, cabe exterminá-los. Proletários e lumpemproletários do mundo: uni-vos!

Referências

BARROS, Manoel de. Livro Sobre Nada. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BESSA, Ana Cláudia. Uma Análise Sociológica do Filme “Parasita”. Revista Café com Sociologia, v.9, n.2, jul./dez 2020. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1267>

BRAGA, Lisandro. Acumulação Capitalista e Tendência à Lumpemproletarização. Revista Enfrentamento, Goiânia: v.9, n.9, 2021. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/renf/article/view/292>.

BRAGA, Lisandro. Classe em Farrapos. Acumulação integral e expansão do lumpemproletariado. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ELÍSIA DA COSTA, Ana. Da Ficção Cinematográfica à Realidade Pandêmica: Um ensaio sobre parasitas, vírus e outras maleitas. Cidades [Online], posto online no dia 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cidades/2561>.

MOREIRA, Carol. PARASITA - Por que o filme ganhou o Oscar? Youtube, posto online no dia 3 de abril de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cLL9KcXUsJU&ab_channel=CAROLMOREIRA

PORTUGAL, Paulo. Entrevista: Bong Joon Ho: “Não sou totalmente pessimista, mas quero ser honesto diante da realidade”. Comunidade Cultura e Arte [Online], posto online no dia 11 de outubro de 2019. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/entrevista-bong-joon-ho-nao-sou-totalmente-pessimista-mas-quero-ser-honesto-diante-da-realidade/>

VIANA, Nildo. A Alienação Como Relação Social. Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais, UEG/UnU Iporá, v.1, n.2, p. 23-42, 2012. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/2686>.

VIANA, Nildo. Capitalismo e Desemprego: O Lumpemproletariado na Dinâmica da Acumulação Integral. In: SOUZA, Davisson Cangussu (org.). *Desemprego e Protestos*

privatização, etc aumento o número de desempregados e subempregados. A resposta do lumpemproletariado foi o piquete e os bloqueios de estradas no país como principal forma de protesto à precarização. Consultar Braga (2013).

Sociais no Brasil. São Paulo: FAP-Unifesp, 2015. Disponível em: <https://informecritica.blogspot.com/2019/11/capitalismo-e-desemprego-o.html>

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem: análise e assimilação.* Porto Alegre, RS: Asterisco, 2012. (Coleção Óculo; 5).

VINÍCIUS DA SILVA, Rubens. *Concepção Marxista de Neoliberalismo: O Fenômeno no Capitalismo Brasileiro.* Revista Enfrentamento, Goiânia, v. 27, n. 27, 2021. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/renf/article/view/800/700>.

Texto aprovado para publicação em 30 de agosto de 2021.